

Textos didáticos: o resgate da diversidade na Educação

Introdução

Uma das estratégias é o trabalho realizado por meio de livros didáticos, como por exemplo, as três coleções organizadas para o Ensino Religioso que por meio da apresentação da diversidade religiosa permite a professores e estudantes o conhecimento da pluralidade da sociedade.

A Educação para a construção de uma sociedade plural poderá ocorrer por meio da articulação de um currículo que a considere nesta perspectiva, ou seja, da pluralidade. Dentre outras estratégias, são utilizados os livros didáticos, que tem como finalidade específica o processo de ensino-aprendizagem escolar. Destinam-se, também, a instaurar interações entre dois leitores também específicos: o professor e o aluno. Elaborados para propiciar diferentes «leituras» da realidade e dos fenômenos, e não raro é alvo de análises criteriosas de quem o investiga enquanto tema de pesquisa.

Sendo o livro didático uma publicação de caráter pedagógico, surgiu como complemento aos livros clássicos utilizados na escola que inicialmente buscou colaborar na alfabetização, assim como na divulgação das ciências, história e filosofia. Estes textos didáticos, assumidos como instrumento para o professor, são fonte de informações tanto para quem ensina quanto para os estudantes, cujo conteúdo desenvolvido nestas obras organiza o trabalho do profissional. Estes livros foram seguidamente utilizados nas sociedades com educação escolarizada institucionalizada, e indica sua permanência desde há muito na cultura escolar.

**Sérgio Rogério
Azevedo Junqueira**

*Doutor em Ciências
da Educação*

1. Educar para a diversidade

Os livros didáticos encontram-se no contexto de diferentes concepções de educação, a que possibilita a preservação da diversidade cultural e cria espaços democráticos, dando lugar ao encontro e convivência entre diferentes culturas (Marín, 2003, p. 2), desta forma torna-se necessário à construção de práticas pedagógicas efetivas para romper com a homogeneização presente na cultura escolar e docente, buscando a inserção da diversidade cultural no campo da didática e das práticas pedagógicas na escola, com uma clara e objetiva intenção de promover o diálogo e a troca entre diferentes grupos (Candau; Koff, 2006, p. 474).

A palavra «diversidade» origina-se do latim *diversitate*, que significa: diferença, dessemelhança, dissimilitude (Buarque, 1999). O conceito de diversidade, trazido pelos dicionários e pelos autores da área, denota disparidade, variação, pluralidade, significando o contrário da uniformidade e da homogeneidade. Segundo Kiyindou (2007), a diversidade cultural, em sentido literal, referia-se à multiplicidade de culturas ou de identidades culturais, em oposição à homogeneidade.

Atualmente, a diversidade não se define tanto por oposição à homogeneidade quanto pela oposição à disparidade, mas torna-se sinônimo de diálogo e de valores compartilhados. Nessa perspectiva, acorda-se que a expressão diversidade cultural, hoje, compreende a superação tanto da negação das diferenças, efetuada pela homogeneidade, como do relativismo praticado pela absolutização das diferenças. A superação dessas visões dicotômicas deve-se fazer por meio de políticas que valorizem a interação e comunicação entre os diferentes sujeitos e grupos culturais, sem homogeneizar, excluir ou guetificar as culturas (Candau; Koff, 2006, p. 473).

Segundo Gomes (2003, p. 71) o sentido que atribuído às diferenças, passa pela cultura e pelas relações políticas. Assim para o autor, é possível entender as diferenças de duas formas: as diferenças são construídas culturalmente, tornando-se empiricamente observáveis; assim como as diferenças são constituídas ao longo do processo histórico, nas relações sociais e nas relações de poder. Muitas vezes, certos grupos humanos tornam o outro diferente para fazê-lo inimigo, para dominá-lo.

Portanto, um indivíduo pratica a diversidade em função das lentes culturais, porque nenhuma cultura, raça, comunidade, ser humano ou religião olha o outro sem ter construído previamente uma imagem, com um olhar cultural nunca é neutro, que é colorido e possui conotação política e histórica, tanto como o campo ideológico e cultural dos processos de construção da diversidade. Em particular, pelos seguintes elementos determinantes previstos: os sistemas de valores, a educação, a herança cultural ou religiosa, a emoção e a sensibilidade, pois com os elementos determinantes, que produzem seus efeitos, estruturam as construções identitárias e, por conseguinte, as visões culturais de larga duração (Doudou, 2008, p. 2).

As pessoas aprendem a ver as culturas, diferentes das suas, e as julgam do seu ponto de vista, como expressa Nelson Mandela, «ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e, se pode aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar» (URI, 2007).

Compreende-se, assim, a necessidade de se instituírem ações que assegurem as diferenças, de modo que a diversidade cultural não seja motivo para inferioriza-

ção de alguns grupos em relação a outros grupos culturais, que as diferenças não sejam um motivo de desigualdade, que questões como sexo, cor de pele, religião, orientação sexual, condições físicas, classe social, idade, entre outras tantas diferenças objetivas que temos, assumam uma relevância que determine o tipo de relação que teremos com a sociedade, com o amor, com o trabalho, com a cultura, com os bens e riquezas produzidos, com o futuro e com a vida. As diferenças não podem determinar que um grupo ganhe mais ou menos, que ocupe lugares de comando ou apenas de subordinação, que pertença a uma determinada classe social ou a uma outra.

O reconhecimento dos diversos recortes dentro da ampla temática da diversidade cultural (negros, índios, mulheres, portadores de necessidades especiais, homossexuais, entre outros), segundo Gomes (2003, p. 72) coloca-nos frente à luta desses e outros grupos em prol do respeito à diferença. Coloca-nos, também, diante do desafio de implementar políticas públicas onde a história e a diferença de cada grupo social e cultural sejam respeitadas dentro das suas especificidades sem perder o rumo do diálogo, da troca de experiências e da garantia dos direitos sociais. A luta pelo direito e pelo reconhecimento das diferenças não pode se dar de forma separada e isolada e nem resultar em práticas culturais, políticas e pedagógicas solitárias e excludentes. Porém, a imposição da cultura homogeneizante permanece cristalizada na cultura da nossa sociedade, bem como, permanecem as consequências dessa política, como a discriminação e os conflitos étnicos e religiosos.

A implantação das políticas públicas educacionais para a efetivação da diversidade cultural nos currículos e nas práticas escolares depende do interesse ou benefício que essa política trará às classes dominantes. Dessa forma, as culturas locais, diferentes daquela etnocêntrico-europeia, são excluídas, perpetuando-se na sociedade o padrão homogeneizador, dos imaginários coletivos e das mentalidades, despertando uma luta moderna contra a desigualdade e a exclusão, partindo do referencial que é o universalismo.

Nessa perspectiva, torna-se necessário que as organizações e movimentos da diversidade cultural aliem forças para lutar em prol da implementação de políticas públicas que valorizem a interação e comunicação entre os diferentes sujeitos e grupos culturais, sem homogeneizar, excluir ou guetificar as culturas.

No Brasil, algumas tentativas vêm sendo realizadas para ressignificar e valorizar a diversidade cultural presente na nossa sociedade, o que faz com que, aos poucos, cresça a conscientização sobre o tema. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, considerado o primeiro documento da educação brasileira que aborda a questão da diversidade, estabelece, como base nacional comum dos currículos dos ensinos fundamental e médio, o ensino da história do Brasil e as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia, como, também, o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira, sendo que os conteúdos devem ser trabalhados no âmbito de todo o currículo (art. 26 e 26-A). O documento assegura no ensino às comunidades indígenas, a utilização da sua língua materna e os processos próprios de aprendizagem (art. 32) e o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil (art. 33).

2. Educação pela cultura religiosa da diversidade

Visando a coerência com a nova perspectiva de uma sociedade plural, e o atendimento à lei brasileira, o Ensino Religioso assumiu a leitura das manifestações religiosas, pois para desenvolver a compreensão como disciplina escolar deveria considerar duas áreas em conjunto, a que este componente está envolvido: EDUCAÇÃO-ENSINO (escola) e RELIGIÃO (religiosidade), sendo que cada uma destas, é, na verdade, uma constelação de aspectos.

Enquanto a primeira, Educação-Ensino, é área determinante para a escolarização do Ensino Religioso, a ESCOLA é o lugar onde se entrecruzam: a sociedade local, com sua pluralidade social e cultural, que, com as conquistas e as injustiças, promovem a formação das gerações; as famílias dos alunos, com seus valores e limitações, que expressam através de práticas diversas de convivência diferentes visões de mundo; o sistema escolar, com sua filosofia, prioridades econômicas e opções pedagógicas, estruturando uma rede de relações internas horizontais e verticais de poder; o corpo discente com suas histórias de vida, gosto e desgostos, conhecimento e instabilidade própria da idade, recebendo, assim, além das influências de toda sorte oriundas do contexto da participação social (Harris, 1999, p. 3-6).

Diante deste quadro, o Ensino Religioso (ER) assume o papel de provocar junto a cada um dos componentes da comunidade educativa o questionamento sobre a própria existência do ser humano participante destas intrincadas e complexa rede de relações. Assim como favorece o conhecimento de diversas tradições religiosas responsáveis pela construção cultural do país.

Quanto à segunda área, à qual o Ensino Religioso está diretamente relacionado, RELIGIOSIDADE, é mais ampla do que pode parecer; abrange não apenas uma dimensão humana, mas também nas manifestações das tradições religiosas: vida religiosa concreta de cada grupo, com cultos, práticas e crenças; métodos de socialização; gerando um clima mais ou menos sereno de atuação; sistematizações pastorais e teológicas; a autoridade expressa através de livros sagrados, normas, pessoas.

Desta forma a proposta de Ensino Religioso assumiu como compreensão de conceituação de Religião (lat.) «RELIGIO» como (lat.) «RELEGERE» (port.) «RELER», a definição de Cícero (Cicerone, 1984, p. 214).

Esta compreensão do «RELIGIO» seja enquanto conceito da religião está ligada à experiência religiosa, que pode ser forma íntima ou manifestação exteriorizada, justifica estratégias e objetivos para o Ensino Religioso a partir de um novo itinerário pedagógico. Portanto, consiste na irrupção do Sagrado dentro da história, que altera uma seqüência lógica (previsível) para uma direção que só poderá ser entendida posteriormente. Pois, as condições necessárias a uma correta compreensão do fenômeno religioso são: uso de um instrumento metodológico da maior isenção possível; análise da constância de determinados valores ou credos ao longo do tempo; utilização de documentos primários, leituras interculturais dos documentos primários, evitando qualquer tipo de classificação histórica ou sociológica e não incentivando a apropriação de causa-efeito na tentativa de explicar o momento fundamental do fenômeno religioso.

Compara-se o fenômeno religioso com o fenômeno social ou similar, pode-se dizer que designa a estrutura especial do homem definida por sistema de relações

com os outros homens (Oliveira, 1997, p. 36-42). Poder-se-ia descrever o fenômeno religioso como um mundo de estrutura estritamente relacional? Mas como que ou com quem o homem se relaciona na religião? No fundo de toda a situação verdadeiramente religiosa, encontra-se a referência aos fundamentos últimos do homem: quanto à origem, quanto ao fim e quanto à profundidade. O problema religioso toca o homem em sua raiz ontológica. Não se trata de fenômeno superficial, mas implica a pessoa como um todo. Pode caracterizar-se o religioso como zona do sentido da pessoa. Em outras palavras, a religião tem a ver com o sentido último da pessoa, da história, e do mundo (Zilles, 1991, p. 6-7).

A preocupação dos especialistas em estabelecer a compreensão etimológica dos termos utilizados na formatação do atual modelo foi o de favorecer a estruturação curricular do Ensino Religioso, sobretudo em um país com significativas diferenças culturais, que objetivamente interferem na operacionalização psicopedagógica da disciplina. Além disso, ainda houve uma busca em valorizar o pluralismo e a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, facilitando a compreensão das formas que exprimem o Transcendente na superação da finitude humana e que determinam, de forma subjacente, o processo histórico da humanidade.

Por isso se propõe: propiciar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto do educando; subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informada; analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais; facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas; refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano; possibilitar esclarecimentos sobre o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável.

Porém, o «silêncio» dos livros didáticos sobre a questão do Transcendente, sobre a dimensão religiosa do ser humano é também percebido pelos textos didáticos que não tentam, nem de longe, colocar a criança ante o problema religioso, ante a interpretação religiosa da existência. A ideia de que os livros didáticos contribuem, por meio dessas lacunas mencionadas, para um projeto educacional que educa para a construção de cidadãos passivos, capazes somente de obedecer e não de discutir os ditames da realidade em que vivem sequer cientes a respeito de seus mais elementares direitos, também indica a possibilidade, de que por meio deste instrumento, de contribuir para uma proposição que supere preconceitos e crie uma perspectiva de respeito à diversidade.

Estamos em tempos de mudanças, há muitos anos vem se discutindo o caminho histórico-educacional do Ensino Religioso, com sua base a diversidade religiosa. De tal forma que a compreensão das contribuições do livro didático deste componente curricular é fundamental para entendimento deste processo complexo religioso nacional.

Destarte, o Ensino Religioso, valorizando o pluralismo e a diversidade cultural presentes na sociedade brasileira, pode facilitar a compreensão das formas que ex-

SÉRGIO ROGÉRIO AZEVEDO JUNQUEIRA

primem a transcendência na superação da finitude humana e que determinam subjacentemente, o processo histórico da humanidade.

Para tal necessita uma análise mais profunda do livro didático do Ensino Religioso, onde se conheçam os critérios para organização e seleção de conteúdos, em outras palavras elaborarem um caminho para que seja construído o conhecimento religioso, tendo como base os fenômenos religiosos, entendendo o ser humano como essencialmente um ser religioso. A história e outras ciências constataram unanimemente que não há algum, por mais primitivo que seja, sem Religião, sem uma Tradição Religiosa.

Através dos objetivos, existe uma preocupação de apontar os aspectos informativos (ensino) e formativos (educação), por exemplo, (ANDRADE, 1993, 69): informativo ao indicar que sejam sistematizados, junto aos alunos, o conhecimento básico dos elementos do fenômeno religioso, estrutura e significado das diversas tradições religiosas; formativo em consideração do contexto de origem do aluno, a formulação do questionamento existencial do mesmo, as atitudes pessoais e comunitárias consequentes das manifestações religiosas e o direito inalienável de radiação religiosa.

Os verbos propostos (propiciar, subsidiar, facilitar, e possibilitar) indicam a ação do professor sobre o aluno, apenas os verbos analisar e refletir apresenta o protagonismo do estudante. Mesmo diante deste limite semântico, existe um interesse para que o sujeito de todo o processo seja de fato a criança, o adolescente ou jovem que assume a sua história e procura relê-la na perspectiva do religioso.

Diante da estrutura indicada pela definição do núcleo do Ensino Religioso temos a manifestação religiosa, com a concepção de religião como releitura do contexto, portanto são conteúdos para operacionalização do componente curricular; não se trata de escolher alguns temas e articular atividades, utilizando estratégias interessantes, mas de argumentos provocativos que envolvam os estudantes.

A discussão e a proposição desta disciplina encontram-se muitas vezes em meio à banalização do «religioso», reduzido às práticas ou coisas que se aprendem, conhecem ou rejeitam, ou a manutenção do dualismo "religioso X profano" muito utilizado na produção de esquemas para organizar o discurso no processo de formação de docentes e produção de manuais que orientariam o processo de ensino-aprendizagem.

Não se esqueça, entretanto, que a escola está inserida socialmente como agência de educação social, e torna-se cada vez mais um mecanismo, tanto de aprendizagem para o mundo do trabalho como para o exercício da cidadania.

Nesta perspectiva, o Ensino Religioso, como componente curricular, passa a ser compreendido como elemento da formação integral, visando desenvolver uma vivência e uma filosofia de vida fundamentada na ética, na justiça, nos direitos humanos e na defesa da dignidade do ser humano, ou seja, na formação para a cidadania. Para tal se torna necessário superar os dualismos e a banalização de ações desconexas do cotidiano do estudante.

Na pedagogia atual, dá-se muita importância ao ambiente educativo. Este é constituído pelos elementos coexistentes, que podem oferecer condições favoráveis ao processo que nele se dá.

Todo o processo educativo é desenvolvido em certas condições de espaço e de

tempo, na presença de pessoas que mutuamente se influenciam, segundo um programa racionalmente ordenado e livremente aceito. Pessoas, espaço, tempo, relações, ensino e atividades diversas são elementos a serem considerados numa visão orgânica do ambiente educativo. E neste horizonte se insere o Ensino Religioso.

O cidadão, na escola, forma-se através da cultura e da preparação profissional. A educação da consciência religiosa é um direito da pessoa humana. O aluno deve ser encaminhado para todas as dimensões da cultura; entre essas se encontra a possibilidade de discutir os problemas fundamentais da existência. É difícil chegar às opções de vida, quando se pretende ignorar a religião que tem tanto a dizer, ou então, quando se quer restringi-la a um ensino vago e neutro e, por conseguinte, inútil por ser destituído de relação a modelos, concretos e coerentes com a tradição e a cultura de um povo.

A escola é o lugar da grande aventura que é o crescimento humano e cultural da pessoa e, portanto, da comunidade inteira. Como deveria ser o espaço para formulação de questões que provassem a inteligência e a razão, a curiosidade científica e a sensibilidade artística. É uma instância fundamental do espírito, que questiona o senso da vida e sobre os valores das coisas.

Considerando que o período escolar é um momento privilegiado para pesquisa e verificação, é mais fácil compreender que o Ensino Religioso poderá responder à função própria da escola, que é chamada a favorecer aos alunos uma atitude de descobrimento/construção, diálogo, e convivência democrática.

Do ponto de vista pedagógico atual proposto para o Ensino Religioso, esta educação não possui como pressuposto ou objetivo a Fé, mas compreende-se que esta consciência religiosa ocorre através do estudo do fenômeno religioso, propondo a reflexão a partir do conhecimento que possibilita uma compreensão de ser humano como finito, sendo na finitude que se procura fundamentar o fenômeno religioso, que torna o ser humano capaz de construir-se na liberdade.

As questões da fé e da adesão à ela é assunto ou preocupação para as comunidades religiosas, visando à complementaridade entre o trabalho da escola e o das comunidades.

Entende-se também que a escola é o espaço de construção dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados. Como todo o conhecimento humano é sempre patrimônio da humanidade, o conhecimento religioso deve também estar disponível a todos os que a ele queiram ter acesso.

Sem dúvida, a escola é um espaço formal para construção do conhecimento, com estruturas e determinações próprias. Por isso mesmo atua como instância articuladora dos meios que proporcionam às gerações do futuro as razões de seu ser e estar no mundo. Como tal é chamada a fortalecer as predisposições necessárias ao ser humano, para que perceba, pense, decida e aja como alguém que está no mundo, numa missão que dá sentido à sua vida.

Foi com esta perspectiva que a partir de 1997 entre os textos didáticos produzidos três coleções procuraram estabelecer uma nova estrutura que explicitasse a leitura religiosa visando o estudo da diversidade: Redescobrimdo o Universo Religioso (Vozes, Petrópolis, 2001), Todos os jeitos de Crer (Ática, São Paulo, 2004) e A vida e o Sagrado (Pax, Belo Horizonte, 2011), todas elas visando o trabalho junto ao ensino fundamental.

SÉRGIO ROGÉRIO AZEVEDO JUNQUEIRA

A Coleção Redescobrimo o Universo Religioso surgiu na Rede Bom Jesus (Curitiba/PR) elaborada por professores e com a supervisão de especialistas, posteriormente foi publicada pela Editora Vozes, teve três edições 2001, 2007 e 2011, cuja proposta é possibilitar aos alunos conhecerem as diversas denominações religiosas, unindo o conhecimento, a crença e a experiência da transcendência, e que todos estes aspectos visam despertar a religiosidade presente no interior de cada um e educar promovendo o respeito à pluralidade religiosa do mundo. Assim como se propõe contribuir para uma convivência fraterna e pacífica, respaldada pelo respeito incondicional às diferenças principalmente de âmbito religioso. E ainda, apresentar a diversidade religiosa, procurando ajudar o aluno a descobrir que as diferenças não são empecilhos para a convivência com o outro, ao contrário, são canais abertos que podem auxiliar na construção de uma cultura de respeito e solidariedade entre todos.

Neste afã, e em consonância com essa proposta de ER, a coleção procura iniciar cada conteúdo com algo que seja significativo para o aluno. Exemplificando como esta intencionalidade proposta pela coleção selecionou as unidades dos livros da 4.^a série/5.^o ano e do 8.^a série/9.^o ano do Ensino Fundamental:

	4. ^a série/5. ^o ano	8. ^a série/9. ^o ano
2001	<ul style="list-style-type: none"> - Textos sagrados: registros da experiência religiosa - O que é experiência religiosa? - Cultura religiosa e suas expressões - As virtudes na experiência religiosa 	<ul style="list-style-type: none"> - Limites éticos - As verdades através dos mitos - As verdades através das crenças - Religião: fonte de educação e vida
2007	<ul style="list-style-type: none"> - Tradição oral e tradição escrita - Experiências que aproximam - Cultura religiosa e expressões - Manifestações do transcendente 	<ul style="list-style-type: none"> - O Sentido da vida - Ética: um caminho a seguir - A linguagem dos mitos - O bem pessoal e o comunitário
2011	<ul style="list-style-type: none"> - A vida e seus símbolos - Símbolos religiosos - Rito: o que é? - Os ritos religiosos na família e na comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - O bem pessoal e comunitário - Religião e projeto de vida - O mito: ontem e hoje - Após a morte, a vida continua?

Tabela 1

Coleção Redescobrimo Universo Religioso

Como é possível perceber pelas unidades esta coleção ocupa-se em temas que permitam a discussão sobre elementos da cultura religiosa da sociedade e que valoriza elementos como os textos, mitos, linguagem, as questões coletivas. Por meio de textos, exercícios de interpretação e fixação pretende promover a reflexão dos estudantes.

Em 2004 os professores Dora Incontri (Doutora e Pós-Doutora em História e Filosofia da Educação) e Alessandro Cesar Bigheto (Mestre em História da Educação) publicaram a Coleção Jeitos de Crer (São Paulo, Ática), com a proposta de atender a paz mundial e tolerância entre as religiões, estas sempre assumem como uma grande fonte de valores éticos universais, capazes de dar sentido à vida e elevar as pessoas ao melhor de si mesmas.

O aluno pode fortalecer sua própria fé, e ao mesmo tempo, aprender a respeitar e a valorizar a fé dos outros. Sobretudo, o que existe de comum entre todas as religiões, percebendo que todos são integrantes da grande família humana. O material pode ajudá-lo a vivenciar, enfim, o maior dos princípios éticos já proclamados: o amor ao próximo como a si mesmo.

	4ª. série/5º ano	8ª. série/9º ano
2009	Viva a diferença Construir a paz Os povos precisam se unir Educar-se é muito bom! Orações (e corações) em diálogo A fome pode sumir? A natureza pede socorro Quem pode fazer o quê? Quem aconselha o quê? Adeus não é para sempre	
2004/2010		Onde está a verdade? De onde vem o mundo? O enigma de Deus Para que vivemos? O mistério da morte Viveremos no mesmo corpo? Podemos nascer de novo? O paraíso, onde fica? O bem e o mal são para sempre? Exemplo de vida Sexualidade e religião A religião pode mudar o mundo? Quem é contra a religião? Deus poderia morrer? A religião e a ciência

Tabela 2

Coleção Jeitos de Crer

Esta segunda coleção desafia o estudante a compreender amplitude da inferência religiosa na sociedade, por meio de textos e atividades possibilita o aprofundamento das questões propostas pelos autores.

Finalmente em 2011 os professores Amarildo Vieira de Souza (Pedagogo e especialista em Ensino Religioso) e Maria Aparecida Rocha Scognamiglio (Licenciada em Letras e especialista em Ensino Religioso) elaboraram a Coleção Vida e o Sagrado (2011/2012, Pax: Belo Horizonte) propõem o reconhecimento da diversidade religiosa, para a valorização da identidade dos estudantes e para uma leitura crítica de suas realidades. Dessa forma, o aluno perceber-se-á responsável pelas mudanças necessárias para uma convivência solidária.

Esta abordagem escolhida para a Coleção de Ensino Religioso escolar prioriza as questões éticas que envolvem o mundo das relações interpessoais, dos valores e sistemas que buscam a sustentabilidade da vida no planeta.

SÉRGIO ROGÉRIO AZEVEDO JUNQUEIRA

A organização dos conteúdos estão assim propostas:

	4ª série/5º ano	8ª série/9º ano
2011	Transmissão oral e escrita Textos sagrados e seus valores A sabedoria presente nas tradições religiosas Fé e vida	
2012		As tradições Religiosas Novas comunidades religiosas Em busca do sentido da vida Projeto de vida

Tabela 3

Coleção Ensino Religioso

3. Considerações finais

Ao longo dos últimos dezessete anos (1997-2014) o texto da lei de educação brasileira (9394/96) promoveu um repensar a respeito do educar para a diversidade, especialmente por meio no currículo escolar, cada disciplina deve colaborar para ampliar o diálogo e a superação de preconceitos contidos na sociedade.

Uma das estratégias é o trabalho realizado por meio de livros didáticos, como por exemplo, as três coleções organizadas para o Ensino Religioso que por meio da apresentação da diversidade religiosa permite a professores e estudantes o conhecimento da pluralidade da sociedade.

Referenciais

- BRASIL. MEC., Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional – Lei N.º 9394/96. Brasília, DF, 1996.
- BUARQUE H. A., *Aurélio século XXI: o dicionário da língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- CANDAUI, V. M.; KOFF, A. M., *Didática e perspectiva multi/intercultural dialogando com protagonistas do campo*, Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 95, pp. 471-493, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 08 de janeiro de 2014.
- CICERONE, *La natura divina*, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 1998, 4.ª ed., 214.
- DOUDOU, D., *A Diversidade é nossa força*. Disponível em: <www.orus-int.org/revue/article.php?id_article=78>. Acesso em: 09 de janeiro de 2014.
- GOMES, N. L., «Educação e Diversidade Étnico-Cultural», in SEMTEC, *Diversidade na Educação Reflexões e Experiências*, Brasília, Programa Diversidade na Universidade, 2003.
- HARRIS, J., *Non è colpa dei genitori. La nuova teoria dell'educazione: perché i figli imparano più dai coetanei che dalla famiglia*, Milano, Mondadori, 1999, 3-6.
- KIYINDOU, A., *Diversidade cultural*. Disponível em: <www.vecam.org/article601.html> Acesso em: 06 de janeiro de 2014.

- MARÍN, J., *Globalización, diversidad cultural y practica educativa*, Revista *Diálogo Educacional*, Curitiba, Champagnat, v. 4, n. 8, pp. 11-32, jan./abr. 2003, pp. 12-32.
- OLIVEIRA, F., *A experiência de Deus*, Pelotas, Educat, 1997, 36- 42.
- URI, *Iniciativa das Religiões Unidas de Curitiba. Diversidade Religiosa e Direitos Humanos*, Curitiba, Gráfica da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, 2007.
- ZILLES, U., *Filosofia da religião*, São Paulo, Paulinas, 1991.

Coleções Didáticas

- SOUZA, A.; SCOGNAMIGLIO, M., *A vida e o sagrado: ensino religioso – 5.º Ano*, Belo Horizonte, Pax, 2011.
- SOUZA, A.; SCOGNAMIGLIO, M., *A vida e o sagrado: ensino religioso – 9.º Ano*, Belo Horizonte, Pax, 2012.
- INCONTRI, D.; BIGHETO, A. C., *Jeitos de crer: mudando o mundo – 5.º ano*, São Paulo, Ática, 2009.
- INCONTRI, D.; BIGHETO, A. C., *Jeitos de crer: idéias*, 4, São Paulo, Ática, 2004.
- BRAGA, J.; NARLOCH, R., *Redescobrimdo o universo religioso*, volume 4, Petrópolis, Vozes, 2001.
- BRAGA, J.; NARLOCH, R., *Redescobrimdo o universo religioso*, volume 5, Petrópolis, Vozes, 2007.
- PEREIRA, M. S., *Redescobrimdo o universo religioso*, volume 5, Petrópolis, Vozes, 2011.
- LONGEN, M. R., *Redescobrimdo o universo religioso*, volume 8, Petrópolis, Vozes, 2001.
- LONGEN, M. R., *Redescobrimdo o universo religioso*, volume 9, Petrópolis, Vozes, 2007.
- POZZER, A., *Redescobrimdo o universo religioso*, volume 9, Petrópolis, Vozes, 2011.